

Ana Quésia Souza de Almeida
André Luis Lima Nogueira

TRABALHANDO A HISTÓRIA DE PRESIDENTE KENNEDY - ES



Ana Quésia Souza de Almeida
André Luis Lima Nogueira

TRABALHANDO A HISTÓRIA DE PRESIDENTE KENNEDY - ES

Guia educativo
1ª Edição

Diálogo Comunicação e Marketing
Vitória
2022

Trabalhando a história de Presidente Kennedy - ES © 2022, Ana Quésia Souza de Almeida e André Luis Lima Nogueira

Orientador: Prof. Doutor André Luis Lima Nogueira

Curso: Mestrado Profissional em Ciência, Tecnologia e Educação

Instituição: Centro Universitário Vale do Cricaré - UNIVC

Edição: Ivana Esteves Passos de Oliveira

Projeto gráfico e editoração: Diálogo Comunicação e Marketing

Diagramação: Ilvan Filho

DOI: 10.29327/5136340

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A447t Almeida, Ana Quésia Souza de. -
Trabalhando a história de Presidente Kennedy - ES /
Ana Quésia Souza de Almeida, André Luis Lima
Nogueira.-

Vitória, ES : Diálogo Comunicação e Marketing, 2022. -

35 p. : il. foto. color. ; 21 cm.

ISBN 978-85-92647-86-5

1. História - Estudo e ensino. 2. Presidente Kennedy (ES)
- História. I. Nogueira, André Luis Lima.

CDD – 372.9

Bibliotecária Amanda Luiza de Souza Mattioli Aquino – CRB5 1956

Conselho Editorial

Dr. Marcus Antonius da Costa Nunes

Dra. Luana Frigulha Guisso

Dra. Ivana Esteves Passos de Oliveira

Dra. Sônia Maria da Costa Barreto

Dra. Tatiana Gianordoli

Dra. Juliana Martins Cassani

SUMÁRIO



APRESENTAÇÃO	06
INTRODUÇÃO	07
A HISTÓRIA DE PRESIDENTE KENNEDY - ES	15
Você sabia que	15
A história de Presidente Kennedy	16
Localização do município	18
Relevo e clima do município	19
Cultura e costumes kennedense	21
Economia kennedense	22
Principais atividades econômicas	22
Educação kennedense	24
Turismo rural	25
Caracterização hidrográfica do município	26
Comunidades quilombolas de Presidente Kennedy	27
Comunidade Quilombola de Boa Esperança	28
Comunidade Quilombola de Cacimbinha	30
REFERÊNCIAS	32
OS AUTORES	35

APRESENTAÇÃO



Caro professor!

É com grande satisfação que esse Guia Educativo está sendo apresentado a você, um manual criteriosamente elaborado com o objetivo de propor sugestões para a sua prática docente trabalhar a História Local do município de Presidente Kennedy – ES, não somente à disciplina de História, mas de forma interdisciplinar nas outras áreas do conhecimento.

Este material é produto resultante da pesquisa de Mestrado Profissional em Ciência, Tecnologia e Educação do Centro Universitário Vale do Cricaré, tendo como objeto de estudo a construção da identidade cultural do alunos a partir da história do município Presidente Kennedy – ES.

É importante ressaltar que o estudo busca discutir e possibilitar – por meio deste guia – mecanismos para que os discentes conheçam de modo mais adensado a sua história local como forma de valorização cultural, preservação da memória, compreensão do processo de formação histórica e desenvolvimento de argumentação e criticidade. Haja vista que um dos objetivos da Base Nacional Comum Curricular é possibilitar ao aluno resolver problemas cotidianos, tornando-se protagonista do processo de ensino aprendizagem.

INTRODUÇÃO



É verdade que não podemos internalizar toda a história, mas, imaginamos, que todo professor almeje que seus alunos entendam como os processos históricos funcionam ao longo do tempo e, igualmente, desenvolvam curiosidade e as competências necessárias para o desenvolvimento de pesquisas nos quais os alunos se tornem protagonistas de sua formação intelectual, movidos pela autonomia e pelo senso crítico. Por meio da compreensão desses processos, a história fornece aos alunos uma compreensão do passado, capacidade de “operar” intelectualmente as articulações “passado/presente” “mudanças/permanências”.

O passado quando explorado evidencia potenciais que possibilitam aprendizagem significativa e importante aos alunos, especialmente quando se associa com o tempo e o espaço, do qual essa compreensão temporal se edifica com os acontecimentos históricos, que pouco a pouco vai se agrupando ao conceito de tempo, avaliando-o ao longo da experiência.

Compreende-se a própria disciplina e suas abordagens didáticas no âmbito da Educação Básica, como um processo de desenvolvimento da imaginação e espírito crítico, com a oportunidade de entender distintos pontos de vista. Independente da etapa de escolarização a História colabora para a cidadania, visto que ela consegue conectar o passado com o presente, e também vislumbrar o futuro, já que coloca o sujeito na condição social onde está inserido, norteando, sua concepção e atuação em sua vida diária.

O estabelecimento de ensino integrado entre os diferentes níveis de ensino também é um aspecto essencial para o crescimento e autonomia do aluno. Hoje temos um sistema de ensino em nove anos para o Ensino Fundamental, o qual, teoricamente, deveria ser interligado. Na perspectiva de uma História local, a reciprocidade entre os anos iniciais e finais do Ensino Fundamental é muito importante, visto que introduziria ao longo da escolarização os princípios da História que são apresentados desde o início do Ensino Fundamental. Nesse sentido, consideramos aqui as percepções de Cainelli:

O aluno que transita de um sistema para outro inicia praticamente do zero uma nova vida escolar ao terminar o quinto ano, da escola municipal recebe o diploma que o considera apto a adentrar no sistema estadual de ensino no sexto ano e, na nova realidade, encontra um sistema que desconfia de sua formação e realiza diagnósticos para saber seu nível de aprendizagem. Esta relação de desconfiança entre as redes de ensino pode ser percebida nas falas de seus protagonistas alunos e professores (CAINELLI, 2011, p 129).

Dessa forma, se houvesse uma articulação entre os níveis de escolarização evitaria o que a autora argumentou. O ensino de História não é apenas parte fundamental da compreensão do mundo de hoje por meio da pesquisa e do conhecimento do passado, mas também demonstra os contrastes existentes entre a sociedade e a própria disciplina, desenvolvendo assim a capacidade de analisar criticamente a sociedade.

Ainda aqui seguindo os argumentos da autora, com práticas pedagógicas e abordagens devidamente integradas, a disciplina de história contribuirá para

a construção da identidade dos alunos, pois desenvolverá sua capacidade de analisar, sintetizar e compreender as diferenças entre os distintos grupos devido à sua especificidade. Como campo de estudo, o interesse pela história local não é novo, uma vez que muitos pesquisadores já estão trabalhando nessa área.

A abordagem sobre História Local, no que se refere ao ensino de História foi alvo de grande debate entre historiadores no Brasil, que valorizaram esta abordagem por possibilitar novas visões sobre o processo de aprendizado da História e, a influência do meio em que o aluno e a escola estão inseridos. Em nosso país, o tema de História Local, já foi proposto pelo menos há duas décadas, com diferentes formas de abordagem, sendo que nas décadas de 1970 e 1980, as propostas curriculares foram organizadas em círculos concêntricos, com abordagem dos estudos sociais partindo da realidade mais próxima do aluno. Entre as décadas de 1980 e 1990, predominou-se a histórica temática, sendo a história local colocada como estratégia pedagógica, para garantir o domínio do conhecimento histórico (GERMINARI, BUCZENKO, 2012, p. 128).

Lidar com assuntos do dia-a-dia atrelando a história de vida dos alunos tem permitido oportunizar essas experiências na sociedade de maneira a gerar uma integração de história pessoal com uma história coletiva. Deve-se notar que o estudo dos lugares e da vida cotidiana não pode ser reduzido a uma simplificação da história. Discutindo a história da vida cotidiana e privada, Mary Del Priore afirma:

Quando falamos de “história”, pensamos imediatamente em um processo específico de afirmação através do qual um fenômeno ou uma prática se inscrevem no tempo e produzem uma natu-

reza própria. Quando falamos de “cotidiano”, temos de desvendar o que recobre este conceito: o estudo das sociabilidades? A análise de situações e “histórias de vida” com sua bagagem sociolinguística? A etnografia e a antropologia da vida material? Uma enorme série de campos espaço-temporais e relacionais parece querer estilhaçar esse objeto histórico numa pluralidade de temas problemáticos, bem como de complexos instrumentos de análises (PRIORE, 1997, p. 271).

O estudo “do lugar”, em certa medida, foca-se nas situações que surgem no cotidiano, com o objetivo de discutir as tensões que existem diariamente. Nos espaços do dia-a-dia nos encontramos com espaços de memórias, onde os sujeitos arquitetam suas identidades, constituindo uma relação entre a comunidade local e o passado, atribuindo valor a este passado na sua relação com o tempo presente (SILVA, 2016). Assim,

A história local geralmente se liga a história do cotidiano ao fazer das pessoas comuns participantes de uma história aparentemente desprovida de importância e estabelecer relações entre os grupos sociais de condições diversas que participaram de entrecruzamentos de histórias, tanto no presente como no passado (BITTENCOURT, 2004, p.168)

Dessa forma, o trabalho didático/pedagógico e as histórias locais, são capazes de oportunizar o acesso ao entorno do aluno, as narrativas, as fontes, para a abrangência histórica do seu mundo. Logo, compreende-se que a História Local

vai muito além de uma redução de escala de análise e nos chama para enfrentamentos e ainda potencialidades de aprendizagem (MAIA; SOUZA; SÁ, 2021).

Ao considerar a história local como um processo de ensino aprendizagem, é preciso estabelecer e sistematizar as relações com os documentos normativos nas instituições de Ensino Fundamental como perspectiva de aprendizagem histórica. Dessa forma, a leitura atenta da BNCC revela que:

Reconhecer-se em seu contexto histórico e cultural, comunicar-se, ser criativo, analítico crítico participativo, aberto ao novo, colaborativo, resiliente, produtivo e responsável vai muito além do acúmulo de informação (BNCC, 2018, p. 14).

A partir desse trecho apresentado no documento, observa-se que há uma possibilidade real de desenvolver um trabalho pedagógico em relação à história local, pois a partir dela podemos construir conceitos de reconhecimento e pertencimento ao nosso meio (professores e alunos).

De acordo com Fonseca (2009) “[...] somente o ensino de história comprometido com a análise crítica da diversidade da experiência humana pode contribuir para a luta, permanente e fundamental, da sociedade: direitos do homem, democracia e paz” (FONSECA, 2009, p. 96).

O estudo da História Local pode revelar com mais clareza questões envolvendo acontecimentos políticos, crises econômicas e diversas relações socioculturais que envolvem um espaço social mais amplo do que se imagina, ainda que as contradições da vida social muitas vezes pareçam triviais. Vale ressaltar,

no entanto, que eles permitem que pessoas comuns se conectem ao processo histórico e permitam novas compreensões sobre o papel dos indivíduos como sujeitos históricos, questionando a legitimidade que os sujeitos individuais podem construir a história local.

Para Schmidt e Cainelli (2004, p. 112), o uso da história local precisa ser considerado a partir de duas questões:

Em primeiro lugar, é importante observar que uma realidade local contém em si mesma, a chave de sua própria explicação, pois os problemas culturais, políticos, económicos e sociais de uma localidade explicam-se, também, pela relação com outras localidades, outros países e, até mesmo por processos históricos mais amplos. Em segundo lugar, ao propor o ensino de história local como indicador da construção de identidade, não se pode esquecer de que, no atual processo de mundialização, é importante que a construção de identidade tenha marcos de referência relacional, que devem ser conhecidos e situados, como o local, o nacional e o mundial.

Diante dessa afirmação, as autoras ressaltam que a aproximação entre local, nacional e universal acompanha a dinâmica social no contexto da globalização, onde o movimento de pessoas e o fluxo de informações são tão intensos que é possível encontrar países que influenciam a localidade em pontos nacional e universal.

Assim, a articulação do conteúdo da história local com a perspectiva histórica: nacional e universal, apostando na percepção do movimento constante da sociedade, permite desenvolver uma consciência histórica marcada pelo

entendimento de que é impossível falar isoladamente dos impactos do mundo. Dessa forma, a tarefa do historiador será lembrar o que está esquecido como uma atividade para preservar a memória e salvar a história local.

Cecília Azevedo (2009) destaca a seriedade de pensar o contingente do compartilhamento de valores, sentimentos, ações e pensamentos que propendem gerar a identidade de um determinado lugar:

Identidade é uma construção social e simbólica dinâmica em função de sua permeabilidade em face do contexto. Portanto, as identidades mostram-se móveis porque são contingentes. Constata-se que a identidade de um grupo não está dada de uma vez por todas por uma determinada posição que seus membros ocupam num grupo social, profissional ou organização de qualquer outra natureza. Ela é construída em função de acontecimentos que a nutrem, de circunstâncias que lhe conferem forma (AZEVEDO, 2009, p. 43).

Desse modo, definir a identidade de um lugar em função de sua posição particular exige estabelecer uma relação entre tempo e espaço, o que significa reconhecer o patrimônio cultural e histórico pertencente aos mais diversos sujeitos sociais daquele lugar.

Além de integrar o indivíduo à sua comunidade, criar sua própria identidade e refletir sobre o significado de sua historicidade, a valorização de lugares e/ou regiões em obras históricas ajuda a reconhecer mais de uma fonte de conhecimento sobre o eixo histórico passado. A elaboração continuada e sistemática do conteúdo histórico local, nacional e mundial exige, portanto,

que sejamos capazes de compreender o mundo em que vivemos a partir da compreensão de nossa própria realidade, de encontrar espaços para defender o direito à diferença, mas também de demonstrar elementos culturais específicos de uma determinada sociedade igualmente importantes para o coletivo (VIANA, 2016).

A matéria-prima da história são as relações sociais estabelecidas no transcurso do tempo, ou seja, a história estuda o convívio entre os diferentes grupos sociais, os laços de vinculação da coletividade, as experiências históricas de indivíduos de carne e osso que construíram e reconstruíram suas identidades nos momentos de alegria e de tristeza, de celebração e de conflitos, de dúvidas e certezas (GONTIJO, 2009, p.45).

Para o autor a identidade é uma estrutura social e simbólica dinâmica porque tem permeabilidade em face do contexto. Nesse sentido, a identidade de um grupo não parece ser conferida de uma vez por todas pela posição particular que seus membros ocupam na sociedade, grupos profissionais ou organizações de qualquer outra natureza. Ele é construído a partir dos eventos que o nutrem e do ambiente que lhe dá forma.

A HISTÓRIA DE PRESIDENTE KENNEDY - ES



Olá! Você sabe quando
e porque o município se chama
Presidente Kennedy?

VOCÊ SABIA QUE...

A trajetória histórica da localidade remonta ao ano 1581, quando, vindo do Rio de Janeiro, o padre José de Anchieta construiu uma igreja de madeira na Planície de Muribeca, às margens do Rio Itabapoana. Até então, a região era habitada por índios Puris e Botocudos. Anchieta instalou ainda residência, oficinas, enfermaria, horto, pomar, criadouro de peixe, casa de farinha e usina de açúcar.

Imagem disponível em <https://pt-br.facebook.com/PresidenteKennedyEs/photos/foto-antiga-de-presidente-kennedyes-sede-retirada-do-parque-de-exposi%C3%A7%C3%A3o-afonso-/51155232262039/>.

Acesso em ago. 2022.



A HISTÓRIA DE PRESIDENTE KENNEDY

Dentre os anos de 1694 a 1759, foi construída – por índios escravizados – a Igreja Nossa Senhora das Neves, que se configura como o principal patrimônio histórico de Presidente Kennedy, hoje tombada pelo Conselho Estadual de Cultura e denominada Santuário das Neves. Nesta mesma época, em meados de 1702, a região onde foi construída a Igreja das Neves foi legalizada como Fazenda Muribeca, a qual foi concebida pelos jesuítas para a criação de gado, de modo a se configurar como um importante marco na história local, uma vez que, além de afirmar uma dominação jesuítica, também contribuiu para o delineamento da vocação pecuarista do município. Vale ressaltar que, para além da pecuária, produzia-se cana-de-açúcar, mandioca e pescados, com mão-de-obra indígena e negra.

Esta é a Igreja das Neves construída pelos padres jesuítas no século XVII com ajuda dos escravos e índios catequizados. Um marco do nascimento da cidade.



Imagem disponível em <https://www.presidentekennedy.es.gov.br/uploads/filemanager/Turismo/001a.jpg?1521661252185>. Acesso ago. 2022.

A Igreja das Neves foi construída em meados do século XVII onde havia a igreja de madeira. Por volta de 1694, com ajuda de índios catequizados e escravos, o novo templo foi erguido. A imagem de Nossa Senhora das Neves veio de Portugal em 1750.

A Fazenda Muribeca, que abrangia o sul do Espírito Santo e norte do estado do Rio de Janeiro, era considerada a maior propriedade pecuarista do Brasil e se configurava como um importante elemento de interação da fronteira Espírito Santo- Rio de Janeiro, de forma a otimizar um trânsito populacional e financeiro constante na região. Em 1759, com a expulsão dos jesuítas, a Fazenda Muribeca foi arrendada a particulares e entrou em decadência, visto que a mão-de-obra, que anteriormente contava com força de trabalho indígena, priorizou o trabalho escravo. A decadência da cultura da cana-de açúcar e a ascensão da cultura cafeeira no século XIX no território capixaba afetaram diretamente a economia da região, cujo solo não era apropriado para o cultivo do café, o que acarretou a exclusão da região do “boom” do desenvolvimento que ocorria no sul do Estado e a consequente desvalorização das terras.

Em paralelo, o Espírito Santo iniciava um processo de industrialização, que contemplava boa parte do sul e regiões vizinhas ao território atual de Presidente Kennedy. Foi nesta época que se deu a instalação da Usina Paineiras (atual município de Itapemirim). Este contexto contribuiu para o deslocamento de contingentes populacionais do Rio de Janeiro, sobretudo pobres e negros, atraídos pelas oportunidades de trabalho e acesso a terra, fugindo de um cenário de decadência e crise das grandes fazendas e indústrias cariocas.

Divisão territorial do município de Presidente Kennedy - ES



Imagem disponível em <https://www.portocentral.com.br/wp-content/uploads/2018/07/Livro-para-o-site.pdf>. Acesso em ago. 2022.

LOCALIZAÇÃO DO MUNICÍPIO

Quanto à localização do município, Presidente Kennedy está localizado na microrregião denominada Litoral Sul, conforme a divisão regional do estado, Lei nº 9768 de 28 de dezembro de 2011, juntamente a Alfredo Chaves, Anchieta, Iconha, Piúma, Rio Novo do Sul, Itapemirim e Marataízes. Presidente Kennedy possui uma área aproximada de 583,932 km² (IBGE 2016) e uma densidade demográfica de 17,66hab/km² (IBGE, 2010). Em divisão territorial datada de janeiro de 1979, o município é constituído como distrito sede.

De acordo com o IBGE (2021) a população de Presidente Kennedy é de cerca de 11.741 habitantes, cujo adjetivo gentílico é kennedense.

Mapa limítrofe do município de Presidente Kennedy



Imagem disponível em https://map.viamichelin.com/map/carte?map=viamichelin&z=10&lat=-21-09836.&lon=-41.04696&width=550&height=382&format=png&vversion=latest&layer=background&debug_pattern=.*. Acesso em ago. 2022.

RELEVO E CLIMA DO MUNICÍPIO

O município de Presidente Kennedy não possui relevo muito acidentado; isto é, seu território não possui grandes montanhas e vales, tem relevo sem desigualdades e sem grandes baixos e altos. O município está situado numa região de clima tropical quente. No verão, ocorrem chuvas fortes e as temperaturas são elevadas. No inverno, o tempo é menos quente e mais seco. Cabendo à meteorologia a previsão do tempo diariamente (NEVES, ROSA, 2012).

Praia de Maroba



Praia Itabapoana



Presidente Kennedy é o único município da região Polo Cachoeiro banhado pelo mar. Este é um fator de atração turística para quem chega ao local. São 16 km de litoral que recebem nomes diferentes em duas partes: Praia de Marobá e Praia das Neves, esta última é a última praia da costa do Espírito Santo, antes do estado do Rio de Janeiro. Ela se encerra na foz do Rio Itabapoana. Dunas e a vegetação rasteira são típicas nessa praia (NEVES, ROSA, 2012).

Praia das Neves



Imagens disponíveis em <https://i.pinimg.com/originals/36/85/4e/36854efc2a28f8a2c675d136c59af0ac.jpg>. Acesso em ago. 2022.

CULTURA E COSTUMES KENNEDENSE

Na cultura kennedense, destacam-se a Folia de Reis e o Jongo, típicos dos negros, mas que se apresentam até hoje, com algumas adaptações, sem perder a essência. Também há a influência das etnias em igrejas locais e em eventos como festa da cidade, procissões e outros.

A alimentação se mostra presente em cocadas, bolos, mingaus, caldos, beijus e outras iguarias que levam a mistura dos povos colonizadores e dos que foram introduzidos na vida escrava.

Grupo de Jongo da comunidade quilombola de Boa Esperança



Imagem disponível em <https://www.presidentekennedy.es.gov.br/uploads/files/encontro-paif-kennedy--2.jpg>. Acesso em ago. 2022.

ECONOMIA KENNEDENSE

Conforme Neves e Rosa (2012), a economia de Presidente Kennedy baseia-se na agricultura, como as culturas de: mandioca, cana-de-açúcar e o abacaxi, principais elementos, que o projetam para além de seus limites. Também há a contribuição da pecuária, na criação de gado de corte e leiteiro. As atividades comerciais compreendem o comércio varejista e o comércio atacadista. Finalmente, as atividades financeiras, através de bancos e as atividades industriais e marítimas.

Cafeicultura – Presidente Kennedy



Imagem disponível em <https://www.presidentekennedy.es.gov.br/uploads/files/whatsapp-image-2021-08-13-at-15-29-21.jpg>. Acesso em ago. 2022.

PRINCIPAIS ATIVIDADES ECONÔMICAS

As atividades econômicas do município de Presidente Kennedy concentram-se em seu setor industrial, a maioria da receita municipal provém do pagamento de royalties por exploração de petróleo em parque de extração marinha. As principais atividades rurais, agrícolas são: Pecuária leiteira, Pecuária de Corte e os cultivos de Cana-de-açúcar, Mandioca e Abacaxi.



Imagem disponível em https://www.presidentekennedy.es.gov.br/uploads/files/cow-2518333_1920.jpg. Acesso em ago. 2022.

A área ocupada com pastagens, que são o principal suporte alimentar para as atividades de produção de leite e carne bovina, era de 30.429 ha. O rebanho total de bovinos à época era de 50.858 cabeças com uma produção anual de 17,06 milhões de litros de leite e valor de produção de R\$ 20,47 milhões, ocupando a segunda posição no ranking estadual.



Imagem disponível em <https://www.presidentekennedy.es.gov.br/uploads/files/cana-de-acucar.jpg>. Acesso em ago. 2022.

EDUCAÇÃO KENNEDENSE

Além da economia e turismo elencados pelo município, há uma crescente atuação na área da educação, pois ao que demonstram as pesquisas, o município investe em docentes e discentes, fatores que levam a rede municipal a terceira melhor em resultado de avaliações estaduais, conforme o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB).

Dadir Fricks Jordão Belônia – Dona Dadir, foi professora da primeira Escola de Batalha no período de 1960/1964, sendo a primeira moradora da localidade a ter o status de professora primária, onde por anos exerceu esta função com professoras que vinham de outras cidades para lecionar nesta escola (DUARTE, 2020).

Imagem de Dona Dadir, filhos e sobrinhos.



Imagem disponível em <https://repositorio.ivic.br/bitstream/handle/123456789/1116/LEANDRO%20RISO%20DUARTE.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em 15 ago. 2022.

TURISMO RURAL

O agroturismo é apontado como uma potencialidade a ser trabalhada, pois além do litoral, o interior do município conta com áreas próprias para o turismo rural, como os picos da Serrinha e do Serrote, sendo este o maior pico em terra do município, além das áreas de restinga e reserva natural de Santa Lúcia. Atualmente existe uma propriedade localizada na comunidade rural de Santa Maria que iniciou neste ramo rural e recebe aos fins de semana, pessoas, grupos e famílias que podem contar com alimentação do restaurante do imóvel e desfrutar dos espaços naturais e planejados para os visitantes com direito a banho em piscina natural. Anualmente por ocasião do verão, uma parceria entre as secretarias municipais de Meio Ambiente e a de Turismo, Esporte e Lazer, costuma trazer atrações de circuitos turísticos e eventos como: Caminhada Ecológica passando pelo litoral e pontos da Zona Rural, Visita ao Maciço Rochoso da Comunidade Rural de São Paulo, Trilhas para prática de ciclismo no interior rural do município (INCARPE, 2020-2023).

Trilha no Maciço Rochoso da Comunidade Rural de São Paulo



Imagem disponível em <https://www.aquinoicias.com/2019/01/sabado-e-dia-de-trilha-no-macico-rochoso-em-presidente-kennedy/>. Acesso em ago. 2022.

CARACTERIZAÇÃO HIDROGRÁFICA DO MUNICÍPIO

O município está inserido na bacia hidrográfica do rio Itabapoana, que serve de limite com o Estado do Rio de Janeiro e seus afluentes, entre os quais se destacam o rio Preto e os córregos Jordão, São Bento, Pesqueiro e Siricória, sendo caracterizados por áreas alagadas ao longo de seus cursos. Ao norte do Município destaca-se o rio Muqui do Norte.

Rio Muqui



Imagem disponível em <https://www.ferias.tur.br/imagemcapa/1980-870-320-1-riomuqui.jpg>. Acesso em ago. 2022.

Rio Preto



Imagem disponível em <https://www.mimosoinfoco.com.br/editorias/voce-in-foco/na-rota-rio-preto-x-presidente-kennedy-um-caminho-alternativo-a-praia/>. Acesso em ago. 2022.

COMUNIDADES QUILOMBOLAS DE PRESIDENTE KENNEDY

As comunidades quilombolas de Presidente Kennedy, passam por um processo de organização e reivindicações. Existem alguns aspectos históricos sobre a origem da comunidade, mas o mais narrativo e possivelmente verdadeiro é que as terras quilombolas do presidente Kennedy foram doadas a um escravo liberto que serviu bem ao seu senhor ao longo dos anos. Esse liberto tinha cinco esposas morando nas duas comunidades, o que explica o grau de parentesco entre os moradores das comunidades (SILVA, 2020).

As comunidades atualmente possuem cerca de 350 famílias, em torno de 700 habitantes, a infraestrutura das comunidades é simples, a renda gira em torno do excedente da agricultura, da pecuária, dos trabalhos diários (boias-frias, domésticas, entre outros) e serviços públicos.

Comunidade quilombola



Imagem disponível em https://as1.ftcdn.net/v2/jpg/01/69/64/74/1000_F_169647408_hAzCQisfwwMLER1W5dfbygYec8wJIOq.jpg. Acesso em ago. 2022.

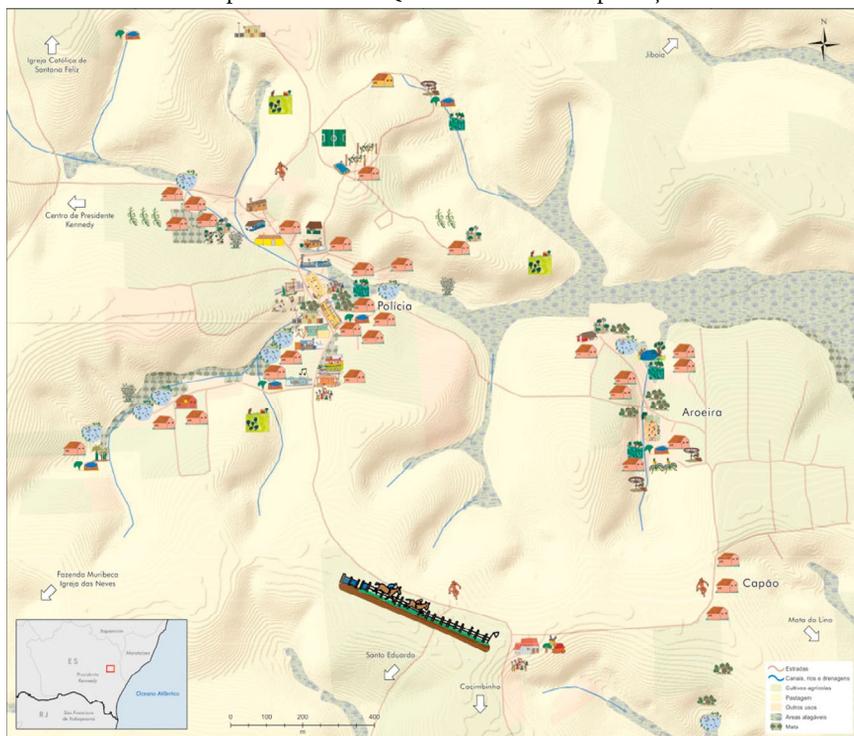
As comunidades Boa Esperança e Cacimbinha procuram, a afirmação de sua identidade e de seu novo olhar sobre as políticas públicas e das inovações. A relação íntima entre Boa Esperança e Cacimbinha é bem conhecida, ao se observar que embora sejam reconhecidas pela Fundação Palmares como duas comunidades quilombolas distintas, os estilos de vida e as características de ambas se unem em uma só pessoa, o que demonstra até uma falta de conscientização de sua própria identidade, mas em suas conquistas nas políticas públicas, demonstram uma consciência de seus direitos e obrigações, juntamente com uma nova consciência de sua identidade negra (SANTOS, 2020).

COMUNIDADE QUILOMBOLA DE BOA ESPERANÇA

A comunidade quilombola de Boa Esperança está localizada na área rural do município de Presidente Kennedy, nas proximidades da praia de Marobá, litoral sul do Espírito Santo. Suas origens vêm de Manoel João, conhecido como Mané João, antepassado que deixou grande descendência e terras para o usufruto de seus herdeiros.

Além do território de Boa Esperança, Manoel João deixou terras e casas, filhos, netos, bisnetos, e tataranetos na comunidade quilombola de Cacimbinha (área denominada Boa Fé) e na comunidade quilombola de Graúna, localizada no município vizinho de Itapemirim. Até hoje, nestas terras de herdeiros as relações de parentesco e amizade entre Boa Esperança, Cacimbinha e Graúna são muito fortes. A memória comum sobre o “pai fundador” é devido às muitas mulheres que teve e às terras e casas de assoalho que ele construiu para todas elas.

Mapa Comunidade Quilombola de Boa Esperança



Fonte – Disponível em <https://online.fliphtml5.com/jwllh/ucfc/#p=1>

Sobre a origem de Manoel João, as histórias variam. Alguns acreditam que ele teria chegado à região fugido da Barra do Itapoana, onde havia um porto de desembarque de africanos mesmo após a proibição do tráfico transatlântico de escravizados.

Por isso, alguns de seus descendentes acreditam que ele teria nascido na África. Outros acreditam que ele veio da região de Campos dos Goytacazes. Todos, porém, concordam que ele era um jongueiro velho muito respeitado, bom para todo mundo, muito trabalhador, gostava de lavoura, e que deixou terras livres e férteis para seus descendentes.

Localidade denominada Jiboia, vizinha à Boa Esperança, é tida como a origem do quilombo, sendo ali a primeira moradia de Manoel João e local onde viveram algumas de suas famílias. À época, tratava-se de região de mata fechada e local onde Manoel João fazia o jongo.

No território atual de ocupação, a comunidade de Boa Esperança mantém roças de mandioca, abacaxi, cana-de-açúcar, mamão, maracujá, hortaliças para o sustento das famílias, além de criação de galinhas, gado leiteiro e outros animais. Também como forma de sustento é praticada a pesca e caça.

COMUNIDADE QUILOMBOLA DE CACIMBINHA

A comunidade quilombola de Cacimbinha localiza-se na porção leste do município de Presidente Kennedy, litoral sul do Espírito Santo, nas proximidades da praia de Marobá.

Cacimbinha é parte de um conjunto territorial mais amplo, que inclui a comunidade vizinha de Boa Esperança e, na direção de Itapemirim, alcança a comunidade de Graúna, compartilhando com ambas histórias de descendência comum.

Hoje Cacimbinha e Boa Esperança mantêm a mesma associação quilombola (Associação de moradores quilombolas de Boa Esperança e Cacimbinha). Em 2005, a Fundação Cultural Palmares (FCP) certificou Cacimbinha e Boa Esperança como comunidades auto definidas remanescentes de quilombos, de acordo com o Decreto no 4887 de 20/11/2003 e a Portaria da FCP no 39 de 29/09/2005.

Mapa da Comunidade Quilombola Cacimbinha



Fonte – Disponível em <https://online.fliphtml5.com/jwldh/smwx/#p=1>

Seus territórios são considerados terras de herança garantidas por antepassados que criaram espaços de liberdade na região da antiga Fazenda Muribeca, fundada pelos padres jesuítas no século XVII.

As terras de herança, de doação, e de santo, são nomes locais que indicam formas de pertencimento e ocupação tradicional do território, segundo os modos próprios da comunidade criar, fazer e viver nesse lugar e ao longo do tempo. A relação dos moradores de Cacimbinha com o território também invoca a memória social sobre o passado escravista, passada de geração. Tais pertencimentos são mobilizados no presente diante daqueles que ameaçam seus territórios tradicionais e práticas culturais, passando orientar ações coletivas em busca de destinos compartilhados.

REFERÊNCIAS



AZEVEDO, Cecília. Identidades compartilhadas: a identidade nacional em questão. IN: Martha Abreu e Rachel Soihet (orgs.). **Ensino de história: conceitos, temáticas e metodologia**, Rio de Janeiro, Casa da Palavra, 2009.

BITTENCOURT, Circe Maria F. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2004.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Secretaria de Educação Básica. Brasília: MEC/SEB, 2018.

CAINELLI, Marlene Rosa. Entre continuidades e rupturas: uma investigação sobre o ensino e aprendizagem da História na transição do quinto para o sexto ano do Ensino Fundamental. Disponível em <https://www.scielo.br/j/er/a/KZTB88qHQ6wFsn4kFCVZ8R/?lang=pt>. 2011. Acesso em mar. 2022.

DUARTE, Leandro Riso. **Dadir Fricks Jordão Belônia: contribuições sociais, educacionais e políticas ao município de Presidente Kennedy/ES**. 72 f.: il. Dissertação (Mestrado Profissional em Ciência, Tecnologia e Educação) – Faculdade Vale do Cricaré, São Mateus - ES, 2020.

FONSECA, Selva Guimarães. **Fazer e Ensinar História**. Belo Horizonte: Dimensão, 2009.

GERMINARI, Geyso. BUCZENKO, Gerson. **História local e identidade:** um estudo de caso na perspectiva da educação histórica. *História & Ensino*, Londrina, v. 18, n. 2, p. 125-142, jul./dez. 2012. Disponível em <https://www.uel.br/revistas/uel/index.php/histensino/article/view/12593>. Acesso em mar. 2022.

INCAPER. Instituto Capixaba de Pesquisa, Assistência Técnica e Extensão Rural. Coordenação Técnica de Segurança Alimentar e Estruturação da Comercialização. **Programa de Assistência técnica e extensão rural de Presidente Kennedy 2020-2023**. Disponível em https://incaper.es.gov.br/media/incaper/proater/municipios/Presidente_Kennedy.pdf. Acesso em ago. 2022.

NEVES, Luiz Guilherme Santos. ROSA, Léa Brígida Rocha de Alvarenga. **Presidente Kennedy: nosso município**. Gráfica e Editora Formar: Vitória-ES, 2012.

PRIORE, Mary Del. História do cotidiano e da vida privada. In.: **Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia**. CARDOSO, C. F. VAINFAS, R. (Orgs.) Rio de Janeiro: Campus, 1997.

SANTOS, Leonardo dos. **Identidade quilombola: o olhar dos alunos, pais e professores sobre as escolas quilombolas do ensino fundamental em Presidente Kennedy – ES**. 89 f.: il. Dissertação (Mestrado Profissional em Ciência, Tecnologia e Educação) – Faculdade Vale do Cricaré, São Mateus - ES, 2020.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora; CAINELLI, Marlene. **Ensinar história**. SP: Scipione, 2004.

SILVA, Daniela Souza. **Valorizando as Identidades: Raízes da História de Pilões/Vila Neves.** VII Encontro Estadual de História. Feira de Santana, BA. 2016.

SILVA, Vania dos Santos da. **Diagnóstico das dificuldades do ensino de história no que tange à identidade quilombola em Presidente Kennedy – ES.** 83f.: il. Dissertação (Mestrado Profissional em Ciência, Tecnologia e Educação) – Faculdade Vale do Cricaré, São Mateus - ES, 2020.

VIANA, José Italo Bezerra. **História Local.** 1ª Edição. Instituto Superior de Teologia Aplicada – INTA, 2016.

OS AUTORES



ANA QUESIA SOUZA DE ALMEIDA

Graduada em Pedagogia pela Faculdade educacional da Lapa. Graduada em História pelo Centro Universitário São Camilo - ES. Pós Graduada em Gestão Escolar, mestranda Centro Universitário Vale do Cricaré.



ANDRÉ LUIS LIMA NOGUEIRA

Possui graduação em Licenciatura Plena Em História pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro(2000), mestrado em História pela Universidade Federal Fluminense(2004), doutorado em História das Ciências pelo Fundação Oswaldo Cruz(2013), pós-doutorado pela Universidade Federal do Espírito Santo(2015) e pós-doutorado pelo Fundação Oswaldo Cruz(2020). Atualmente é Professor Doutor da Faculdade do Vale do Cricaré e Estatutário do Fundação de Apoio à Escola Técnica. Tem experiência na área de História, com ênfase em História do Brasil. Atuando principalmente nos seguintes temas: feitiçaria, práticas mágicas, Minas Gerais - século XVIII.



ISBN: 978-85-92647-86-5

DIÁLOGO
EDITORIAL

